



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE – FACES
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**MARIANA OLIVEIRA MACHADO
MÍRIAM SARAIVA FARIAS**

**A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA REFLETIDA NA ATUAÇÃO
PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DE CURSOS DE GRADUAÇÃO**

**BRASÍLIA-DF
2017**



MARIANA OLIVEIRA MACHADO
MÍRIAM SARAIVA FARIAS

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA REFLETIDA NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DE CURSOS DE GRADUAÇÃO

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica
apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e
Pesquisa pela Faculdade de Ciências da
Educação e da Saúde – FACES.

Orientação: Renata Innecco Bittencourt de
Carvalho

BRASÍLIA-DF
2017

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	7
1.1 HISTÓRIA DA EXTENSÃO NO BRASIL.....	8
1.2 EXTENSÃO NOS DIAS DE HOJE.....	13
2 METODOLOGIA.....	18
2.1 PESQUISA DE OPINIÃO.....	18
2.2 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE COM REGISTRO AUDIOVISUAL.....	20
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
3.1 PERCEPÇÃO DA ATUAÇÃO DO EGRESSO NO PROJETO DE EXTENSÃO.....	24
3.2 INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	24
3.3 CONSCIENTIZAÇÃO REFERENTE ÀS QUESTÕES SOCIAIS RELACIONADAS À EDUCAÇÃO.....	24
3.4 CONTRIBUIÇÃO PESSOAL DOS EGRESSOS PARA A MELHORIA DA SOCIEDADE.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	29

INTRODUÇÃO

O extensionismo universitário pode ser situado entre um dos principais instrumentos da Educação Superior frente aos obstáculos para a construção de uma sociedade mais justa. Mesmo com as palavras escritas nos documentos estruturantes das instituições de ensino superior, as atividades de extensão só surtem os efeitos necessários para uma formação integral quando, de fato, alcançam a transformação do indivíduo pela reflexão crítica que leva à prática inovadora.

Nesse contexto, é imprescindível analisar a atuação dos egressos dos cursos de graduação para identificar as consequências da participação dos alunos em atividades extensionistas durante a formação acadêmica universitária.

Atualmente, acredita-se que, no que tange à Educação Superior, durante o período de preparo dos estudantes para o exercício de uma profissão, não basta repassar informações teóricas sem aplicabilidade, sob pena de prepará-los para um ideal e, não, para a realidade. É importante que os alunos apliquem o conhecimento, mesmo que de maneira experimental e sob supervisão de professores, antes de atuarem sozinhos, ou seja, as instituições de ensino superior precisam derrubar os muros que possam separar os *campi* da vida em sociedade e que deixam nos alunos a impressão de que há fronteiras entre a vivência acadêmica e a social. Os conteúdos e métodos dos cursos de graduação e de pós-graduação são alimentados pelas pesquisas científicas resultando em uma aprendizagem teórica que deve ser aplicada na sociedade, mesmo antes da formação completa dos alunos.

A exigência da legislação brasileira em sustentar-se a Educação Superior sobre a tríade ensino, pesquisa e extensão, é necessária para a formação cidadã dos egressos como futuros profissionais.

A pesquisa com o título “A Extensão universitária refletida na atuação profissional dos egressos de cursos de graduação” tem como objetivo analisar as consequências da participação do aluno de graduação em atividades de extensão na atuação profissional dos egressos de cursos de graduação.

Este projeto de pesquisa e iniciação científica está incluído nas atividades de aprimoramento da Política Institucional de Extensão e Integração Comunitária do UniCEUB e representa a pesquisa inicial com egressos do UniCEUB que já estão cadastrados no projeto Sempre UniCEUB da Instituição.

Em constante aperfeiçoamento, o objetivo da referida Política tem sido "promover a emancipação acadêmica discente pelos valores democráticos de igualdade e desenvolvimento social, contribuindo para a formação e para o resgate da cidadania como valor norteador da práxis universitária, priorizando a educação cidadã tendo como parâmetros a ética, a interdisciplinaridade e a sustentabilidade" (UniCEUB, 2007). Neste sentido, após 15 anos da inauguração da Assessoria de Extensão e Integração Comunitária do UniCEUB, percebeu-se como fundamental a análise da real repercussão da atuação dos alunos extensionistas quando, após a conclusão dos cursos de graduação, exercem suas profissões.

A ausência de pesquisas que contemplem a análise dessas repercussões tem deixado à mercê das suposições a elaboração de políticas institucionais de extensão. Mesmo que se desenvolvem propostas que contemplem ações sociais, é necessário desenvolver atividades extensionistas que, de fato, contribuam para a inserção, no mundo do trabalho, de profissionais com consciência e atitude cidadã que se responsabilizem e ajam em prol do desenvolvimento sustentável da sociedade, principalmente, voltados à sustentabilidade dos recursos ambientais existentes.

Para alcançar o objetivo geral se considerou necessário dividir a pesquisa em etapas definidas a partir dos objetivos específicos. A primeira delas foi a parte teórica, na qual foi conceituada a extensão universitária, descrito o histórico da extensão no Brasil e buscou-se identificar os objetivos declarados das atividades de extensão desenvolvidas em IES brasileiras.

Em seguida, no período de 1º de agosto de 2016 a 31 de julho de 2017, procedeu-se à metodologia identificada como a mais adequada para alcançar os objetivos iniciais: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental tendo como elemento norteador a construção do "estado da arte" da área da extensão universitária. Neste sentido, além da revisão bibliográfica, foram analisados documentos que consigam demonstrar a atuação situação das políticas institucionais e das atividades extensionistas desenvolvidas atualmente em Instituições de Ensino Superior públicas e privadas. Foram escolhidas IES públicas e privadas em todas as regiões brasileiras, incluindo, no Distrito Federal, o Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, para posterior aprofundamento da análise dos dados coletados.

O presente trabalho foi então estruturado em três capítulos. No primeiro, apresentou-se a revisão bibliográfica. No segundo, comentaram-se os procedimentos

metodológicos: a pesquisa de opinião e a entrevista em profundidade. No terceiro capítulo apresentou-se os resultados da pesquisa realizada seguidos das considerações finais.

1 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Em relação às origens da extensão como elemento básico da Educação Superior, Rocha (2001, p.15) remonta à própria história do início das Universidades, em especial o reconhecimento, em 1158, da Universidade de Bolonha com a mais

antiga da Europa. Neste sentido, Ullmann e Bohnen (1994, p. 304) consideram que alma mater medieval desempenhou igualmente um papel de Extensão porque irradiou a cultura para fora de seus muros nos diversos segmentos da sociedade.

A denominação Extensão Universitária surge em 1967 na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, que iniciou um programa de palestras e passou a institucionalizar a extensão como componente de sua estrutura (ROCHA, 2001, p.16). A extensão, pela própria etimologia da palavra, não é externa, mas, sim, uma ampliação, proveniente do significado de extenso. Neste sentido representa uma ampliação da qualidade da educação superior e, conseqüentemente, uma extensão da concepção do egresso na relação dele com a sociedade. É uma extensão da condição humana, da responsabilidade, da atuação dos futuros profissionais na sociedade, não só como técnicos ou especialistas em áreas específicas, mas como cidadãos. A extensão não existe se a atividade desenvolvida estiver dissociada do ensino.

Para Cruz e Carvalho (2007), historicamente, a Extensão Universitária inglesa estava vinculada a uma nova ideia de educação continuada para a população adulta em geral, que não se encontrava na Universidade. As demandas específicas dessa clientela eram atendidas em cursos breves e outras atividades (NOGUEIRA, 2001; PAIVA, 1986).

A extensão inglesa irradiou-se até os Estados Unidos com atividades voltadas para a prestação de serviços tanto na área rural quanto nas cidades. Isto se deveu, principalmente, aos ideais da Revolução Americana e aos projetos de desenvolvimento regional que criaram Escolas de Extensão, os *Land Grant Colleges*, experiências do extensionismo cooperativo ou rural.

Quanto à história do ensino superior no Brasil, as orientações legais sempre definiram a organização das Instituições de Ensino Superior, considerando o ensino, a pesquisa e a extensão como elementos indissociáveis na oferta de um ensino de qualidade. Essa forma de trabalhar o ensino superior ao longo dos anos ficou predominantemente voltada para as universidades e em especial para as universidades públicas.

Nesse cenário, as universidades começaram a trabalhar a extensão não só no sentido do fortalecimento da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, mas também para atuar em áreas que o governo estadual e o governo federal não tinham a possibilidade de um atendimento de forma mais abrangente. A área agrária

e a área de atendimento à população com a medicina nos Estados onde se encontravam as universidades com campi avançados tiveram ênfase especial.

A Extensão nos Estados Unidos influenciou os países da América Latina no sentido de implantar uma extensão universitária técnica associada a programas de desenvolvimento. A realização de encontros latino-americanos de intercâmbio de experiências universitárias, a partir da segunda metade dos anos 90, fortaleceu a percepção da extensão universitária como projeto social. Segundo Rocha (2001, p. 24) o primeiro desses encontros, realizado em Havana-Cuba, em junho de 1996, reuniu 66 Universidades de 11 países. Além do reconhecimento da necessidade de haver um projeto participativo por parte das Universidades e das comunidades, defendeu-se a importância da elaboração de um Programa Latino Americano de Extensão.

1.1 HISTÓRIA DA EXTENSÃO NO BRASIL

Para contextualizar a história da Extensão Universitária no Brasil, Sousa (2000) identifica várias definições, que vão desde a tentativa de criar barreiras para a sua prática, e até como justificativas para práticas que acontecem sem espaço claro na academia. Para contextualizar a Extensão universitária, é importante dividir a sua história em fases desde a Colônia até os dias atuais, sob a perspectiva de três sujeitos envolvidos: Discente, Estado e Instituições de Ensino Superior (IES).

Na perspectiva Discente, a Extensão aparece com o Movimento Estudantil, que teve como maior motivação atuar nos problemas sociais. Sousa (2000) para contar como aconteceu, apresenta os seguintes períodos:

a) Primeiro período - da colônia até o estado novo: grande expressão do Movimento Estudantil que não era organizado, em momentos históricos. Os jovens que constituíam o Movimento Estudantil nessa época eram em sua maioria de classes sociais mais altas que iam à defesa dos “oprimidos”. Nesse primeiro momento, a Extensão Universitária pode ser observada na atuação discente no cenário nacional como a participação dos estudantes nos movimentos políticos da época;

b) Segundo período do Estado novo até o Golpe Militar 1964: Os estudantes se organizaram e criaram a União Nacional dos Estudantes (UNE). Nesse período, a UNE apareceu no cenário nacional com uma atuação no cenário, político, social e

cultural, entendendo que essas atividades citadas eram ações extensionistas que deveriam acontecer por parte da Universidade;

c) Terceiro período - do golpe de 1964 até os dias atuais: a UNE se tornou clandestina, pois o governo da época não cedia espaço para sua existência, e a extensão foi tomada pelo Estado e institucionalizada com a reforma de ensino, e devolvida aos estudantes como um desafio político, excluindo os movimentos estudantis. A UNE voltou após anos como instrumento de lutas contra a ditadura. A extensão sobre a ótica do Movimento Estudantil cresceu ao longo da história, mesmo quando não era um movimento organizado.

Na perspectiva do Estado, é destacada a concepção da Extensão sob a ótica do Ministério da Educação (MEC):

a) Primeiro período - da Colônia até o golpe de 1964: a extensão não era reconhecida pelo Estado como uma prática universitária. E sua primeira aparição na legislação da educação brasileira foi em 1931, colocando-a como instrumento da vida social da universidade, que se tornou reconhecida pelo oferecimento de cursos e conferências de caráter revolucionário. Um exemplo foi a criação da Universidade Rural do Brasil, que tinha como um de seus objetivos expandir os conhecimentos técnico-científicos para a comunidade rural. Nesse primeiro momento o Estado vê a Extensão Universitária como formada por modelos importados, referindo-se a ela apenas como sinônimo de oferta de cursos e conferências;

b) Segundo período - do golpe de 1964 até a abertura política: após o Golpe, a Extensão só aparece na legislação no decreto-lei nº 252/67, onde é possível se verificar que a Universidade deve atender a comunidade em forma de cursos e serviços, porém, nessa época, a educação ainda era um assunto de segurança nacional. Um exemplo disso era o projeto Rondon, pois não direcionava as questões da Universidade, tendo ela apenas uma participação. Já em 28 de novembro de 1968 foi sancionada a Lei 5.540 que trata da reforma universitária tornando a Extensão Universitária obrigatória em todas as Instituições de Ensino de terceiro grau. Durante esse período, a Extensão foi tratada principalmente como uma prestação de serviços a comunidades carentes;

c) Terceiro período - da abertura política até os dias atuais: em uma avaliação a respeito da Extensão realizada em 1990 por iniciativa do MEC junto com as IES, teve como resposta que a extensão estava ocorrendo naquele momento com projetos totalmente desvinculados do processo acadêmico, com uma perspectiva

assistencialista. Desde então, houve um avanço na construção de uma Extensão Universitária a partir das heranças que foram acumuladas dos modelos europeus e norte-americano.

Em relação à perspectiva da extensão nas Instituições de Ensino Superior (IES) o período foi subdividido em quatro partes:

a) Primeiro período - início do ensino superior até as primeiras experiências extensionistas: é possível dizer que o ensino superior chegou ao Brasil em 1549, junto com os padres da Companhia Jesus. A extensão esteve presente naquela época com o desenvolvimento de ações como o curso de artes aberto à comunidade. É possível reconhecer algumas atividades como extensionistas, porém as mesmas não recebiam o título de extensionistas, e nem havia um interesse por parte das IES em conceituá-las;

b) Segundo período - das primeiras experiências extensionistas até o Golpe de 1964: no Brasil, as ações extensionistas estavam surgindo mais fortemente na linha de prestação de serviços no meio rural. A universidade prestava serviços à população apenas com o intuito de atender as necessidades manifestadas. Nesse período, as IES no que diz respeito da Extensão seguiram o modelo norte-americano sem inovação ou originalidade;

c) Terceiro período - do Golpe de 1964 até a abertura política: foi criado o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) que se tratava de uma manifestação das IES frente à política educacional do país, porém este não provocou alterações nas práticas extensionistas das IES. Nesse período não houve nenhum registro marcante da Extensão nas IES, sendo que ela correspondia à prestação de serviços de assistência a comunidades carentes, ações estas que eram representados pela existência dos Centros Rurais de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC);

d) Quarto período - da abertura política até os dias atuais; a década de 1980 marcou o início de uma nova fase da universidade com a implementação de sua democracia, dentro desse contexto, novas discussões começaram a acontecer, inclusive, uma reformulação do conceito utilizado para a extensão, sendo ela definida como o processo educativo, cultural e científico que propicia uma relação transformadora entre universidade e sociedade.

Nos períodos citados, foi possível perceber que há eixos norteadores do histórico da extensão no Brasil. O primeiro deles seria que não havia uma concepção

própria do conceito de extensão e houve uma tentativa de transferência dos modelos norte-americanos e europeus para as Universidades Brasileiras que ainda estavam no início.

O segundo eixo que pôde ser verificado foi o surgimento de um interlocutor assumindo a Extensão como uma prática, por exemplo, o Movimento Estudantil que participou dos movimentos políticos da época.

O terceiro eixo apresentado foi o do Estado no período da Ditadura Militar que caracterizava a Extensão Universitária apenas como prestadora de serviços e assistência à comunidade carente.

O quarto e último eixo apontou para a operacionalização da Extensão: o que era antes prestação de serviços, passou a ser a sua comercialização do mesmo.

Para Sousa (2000), está “nas mãos” da Extensão Universitária fazer com que a Universidade seja relevante socialmente, articulando ensino e pesquisa entre a Universidade e Sociedade, sem deixar que a Universidade perca sua perspectiva crítica.

Os primeiros relatos sobre as ações extensionistas no Brasil estão relacionados à chegada da Companhia de Jesus em 1949. Naquele momento, a presença da extensão pôde ser notada por conta do desenvolvimento de atividades como o curso de artes aberto à comunidade, que tinha como objetivo final procurar jovens que pretendiam desenvolver vocações religiosas (SOUSA, 2000).

Seguindo essa perspectiva, por volta de 1926, a extensão passou a ser vista como prestadora de serviços ao meio rural, onde a universidade prestava serviços à população com o intuito de atender as demandas manifestadas (Sousa, 2000). Cabe destacar que é bem diferente do que o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas propõe para a atualidade: “[...] A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento [...]” (I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas, 1987).

Na história inicial da extensão universitária também estiveram presentes o Movimento Estudantil, que era constituído normalmente por jovens de classes sociais mais altas que iam em busca de mais direitos para os mais “oprimidos”. A extensão

nesse momento pôde ser observada com a presença do discente nos movimentos políticos da época. A partir do movimento estudantil foi criada a União Nacional dos Estudantes (UNE), atuando no cenário, político, social e cultural, entendendo que essas atividades citadas eram ações extensionistas que deveriam acontecer por parte da Universidade (SOUSA, 2000).

Em 1931, o Estado reconheceu a Extensão como uma prática universitária e a colocou como um instrumento da vida social da universidade, que se tornou reconhecida pelo oferecimento de cursos e conferências (SOUSA, 2000). Naquela época, o Estado ainda percebia a Extensão de uma forma muito limitada, referindo-se a ela apenas como sinônimo de oferta de cursos e conferências, mas já no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, em 1987, essa situação mudou e a extensão passa a ser conhecida como “[...] processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade [...]” (I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Publicas, 1987).

O primeiro grande movimento da Extensão foi a organização do I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Publicas em 1987, que contribuiu para retirar/afastar da extensão a conotação assistencialista que vinha sendo usada até esse período. Durante esse encontro também foi definido um novo conceito para a Extensão Universitária como já foi citado anteriormente. Até então, as Instituições de Ensino Superior (IES) particulares não eram incluídas nas discussões a respeito da Extensão, somente em 2003 com o apoio da Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular (Funadesp), foi criado o Fórum de Extensão das IES Brasileiras. Em 2006, o Fórum mudou seu estatuto e passou a se chamar Fórum de Extensão das Instituições de Educação Superior Particulares, e esse passou a ser o espaço para discussão desse segmento educacional. A criação do Fórum das IES particulares se deu pela não abertura do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (CALDERÓN; PESSANHA; SOARES, 2007).

1.2 EXTENSÃO NOS DIAS DE HOJE

Atualmente, é possível observar que os objetivos das atividades de extensão desenvolvidas nas IES brasileiras são variados. Em levantamento realizado pelas pesquisadoras da pesquisa ora apresentada, em síntese, chegou-se a identificar os objetivos da extensão declarados nos portais institucionais de algumas IES brasileiras.

A análise documental dos portais foi realizada de acordo com Moreira (2005) e consiste em um procedimento de investigação utilizado por várias áreas de conhecimento e incide em identificar, verificar e apreciar documentos com uma finalidade específica.

Na pesquisa científica, a análise documental foi utilizado como técnica porque foi um recurso que complementou outras formas de obtenção de dados, empregando uma fonte paralela de informação para complementar os dados, permitindo a contextualização das informações contidas nos portais de IES brasileiras situadas nas diversas Regiões brasileiras.

Localizada na Região Norte do Brasil, as ações de Extensão Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN¹ “materializam-se por meio das atividades acadêmicas que promovem a troca de saberes científicos e populares, e que efetiva a relação dialógica da Universidade com a Sociedade”. Essas práticas extensionistas têm como objetivo “provocar as transformações no contexto social de modo a contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população, a justiça social, a inclusão, a defesa do meio ambiente, dentre outras em direção ao desenvolvimento social. Além disso, as ações extensionistas, com suas atividades científicas, artístico-culturais e técnicas, possibilitam ao aluno uma experiência na realidade social, bem como um aprendizado teórico-prático contextualizado, proporcionando uma formação integral e cidadã”.

Na Universidade Federal da Bahia – UFBA², situada na Região Nordeste, os Programas de Apoio à Extensão constituem um conjunto de ações integradas destinadas a apoiar as atividades extensionistas desenvolvidas na UFBA, a partir de enfoques capazes de contribuir para o incremento da dimensão pública dos seus *campi*, dos seus recursos orçamentários e dos seus produtos. Estes Programas têm como objetivo promover a integração entre a Universidade e a sociedade na troca de experiências, técnicas e metodologias, permitindo ao aluno uma formação profissional

¹ Disponível em: <http://www.proex.ufrn.br/acoes-extensao/apr_acao> Acesso em: 15 jul. 2017.

² Disponível em: <<https://proext.ufba.br/programas>> Acesso em: 15 jul. 2017.

com responsabilidade social, dando ao professor oportunidade de legitimar socialmente sua produção acadêmica e elevando a UFBA ao patamar de uma universidade cidadã, voltada para os grandes problemas da sociedade contemporânea.

Ainda no Nordeste, na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE³, os objetivos das atividades de extensão são: “promover a relação transformadora entre a universidade e a sociedade, por meio da produção, socialização, memória e difusão de conhecimentos, além de contribuir para a formação acadêmica /profissional cidadã do estudante de graduação da UFPE comprometido com a transformação da sociedade”.

Na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp⁴, localizada na Região Sudeste, a denominação "Cursos de Extensão", uma de suas atividades de extensão institucionais, significa “toda atividade de ensino acadêmico, técnico, cultural ou artístico, não abrangida no âmbito regulamentar de ensino de graduação e da pós-graduação "stricto sensu" da Unicamp” e têm “como objetivo a complementação ou aquisição de conhecimentos em diversas áreas, atingindo uma ampla gama de profissionais, uma vez que o grau de escolaridade exigido para matrícula no curso varia de acordo com sua complexidade”.

Na Universidade de São Paulo - USP⁵, na Região Sudeste, um dos objetivos das atividades de extensão é levar o docente a tomar conhecimento das expectativas da sociedade para conciliar, o rigor metodológico e a relevância social. Além disso, “as atividades desenvolvidas nas áreas de cultura e extensão da USP possuem as seguintes premissas: mobilizar alunos da comunidade para novas formas de manifestações artísticas e culturais; assumir uma postura crítica em relação aos meios de comunicação de massa dada a sua importância quanto ao seu papel formador da cultura na sociedade brasileira e latino-americana”. Os cursos de extensão oferecidos são “destinados a quem deseja ampliar conhecimentos em sua área de interesse ou conhecer novas áreas de atuação, melhorando sua capacitação profissional, além de interagir com profissionais da área”.

³ Disponível em: <https://www.ufpe.br/proexc/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=71> Acesso em: 15 jul. 2017.

⁴ Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp-responde/perguntas-mais-comuns/extensao>> Acesso em: 15 jul. 2017.

⁵ Disponível em: <<http://prceu.usp.br/cursos/>> Acesso em: 15 jul. 2017.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ⁶, as diretrizes que orientam a formulação e implementação das ações de Extensão Universitária, são as seguintes: “Interação dialógica; Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão; Impacto na formação do estudante; e Impacto na transformação social”. Para a UFRJ “não é apenas sobre a sociedade que se almeja produzir impacto e transformação com a Extensão Universitária. A própria Universidade Pública, enquanto parte da sociedade, também deve também sofrer impacto, ser transformada. O alcance desses objetivos, impacto e transformação da sociedade e da Universidade, é potencializado nas ações que se orientam pelas diretrizes acima citadas. Com esse escopo, as ações de Extensão Universitária surgem como instrumentos capazes de contra-arrestar as consequências perversas do neoliberalismo, em especial, a mercantilização das atividades universitárias, a alienação cultural e todas as mazelas que as acompanham”.

No Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter⁷, localizado na Região Sul, as atividades de extensão têm como objetivo “gerar a construção de laços entre a instituição e as comunidades nas quais esta se insere, gerando reflexos mútuos para a transformação de suas realidades. Além disso, a área de extensão visa promover, para as comunidades interna e externa, a educação contínua, para garantir o aprimoramento dos conhecimentos produzidos e aplicados pela instituição, por estas comunidades e seus parceiros, esta finalidade é atendida, por exemplo, através do oferecimento de cursos de extensão”.

No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – IFSC⁸, também situado na Região Sul, as atividades desenvolvidas buscam “promover a articulação entre os saberes (acadêmico, científico e tecnológico) e a realidade socioeconômica e cultural da região. As atividades de extensão devem beneficiar a consolidação e o fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal”.

⁶ Disponível em: <<http://extensao.ufrj.br/index.php/o-que-e-extensao/>> Acesso em: 15 jul. 2017.

⁷ Disponível em: <<https://www.uniritter.edu.br/extensao-propex>> Acesso em: 15 jul. 2017.

⁸ Disponível em: <<http://www.ifsc.edu.br/>> Acesso em: 15 jul. 2017.

Na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM⁹, também localizada no Sul do Brasil, as atividades de extensão objetivam “proporcionar à sociedade aportes de conhecimentos destinados a superar os entraves de seu desenvolvimento e/ou de complementaridade às suas necessidades cotidianas. Da mesma forma, numa mão dupla que se estabelece, recebe da sociedade contribuições de suas vivências e experiências agregadas historicamente por seus membros” A UFSM “considera como mérito todos os esforços da comunidade universitária para estender saberes e para realizar uma efetiva interação com as comunidades-alvo, priorizando ações voltadas à melhoria das condições de vida e bem-estar da população”.

No Centro Universitário Feevale¹⁰, as atividades de extensão desenvolvidas, programas, projetos e cursos, têm como objetivo “cumprir um papel de produção e socialização do conhecimento comprometido com as demandas regionais. Os programas e projetos sociais, por exemplo, buscam a aplicação das políticas e dos princípios de extensão da indissociabilidade com o ensino e com a pesquisa, propiciando aos acadêmicos experiências que aliem a teoria aprendida em sala de aula à prática extensionista, contribuindo para a formação acadêmica e para o desenvolvimento da sociedade”.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS¹¹, “as atividades de extensão Universitária atuam diretamente na difusão e na produção de ações culturais, e na criação das condições para a expressão e para a fruição de distintos objetos da cultura. Atividades culturais, somadas às reflexões técnicas e científicas, são produzidas para enriquecer a vida universitária onde as experiências intelectuais, estéticas e afetivas são compartilhadas estreitando vínculos sociais tão necessários”. Para além da Cultura, a Extensão Universitária na UFRGS “realiza uma intensa atividade educativa, social e inclusiva com programas comprometidos com a diversidade das diferentes comunidades do Rio Grande do Sul; uma permanente atuação junto aos movimentos sociais, comunidades tradicionais, educação do campo e das relações étnico-raciais e a formação permanente de professores da rede pública.”

⁹ Disponível em: <<http://site.ufsm.br/>> Acesso em: 15 jul. 2017.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.feevale.br/extensao>> Acesso em: 15 jul. 2017.

¹¹ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/extensao-e-cultura/apresentacao>> Acesso em: 15 jul. 2017.

Na Região Centro-Oeste, as ações de extensão desenvolvidas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IF-GO¹² “estão diretamente ligadas ao processo educativo, cultural, social, político, artístico, esportivo, científico e/ou tecnológico, desenvolvido mediante ações sistematizadas voltadas às questões sociais relevantes construídas na interação dialógica entre a instituição e a sociedade, para promover o desenvolvimento local e regional, bem como, possibilitar a dinamização do conhecimento”.

Diante do exposto a partir da análise de portais de algumas IES brasileiras, indiscriminada e aleatoriamente do Oiapoque ao Chuí, é possível identificar alguns pontos-chave de orientação das políticas institucionais de extensão:

- enfatizar a interação dialógica entre a IES e a sociedade, prioritariamente em relação às demandas regionais, no sentido de promoção de trocas de saberes e experiências gerando laços e transformações de suas realidades;
- proporcionar aos alunos, pelas experiências sociais teórico-práticas capazes de comprometê-los com a transformação social por intermédio de uma formação cidadã;
- contribuir para o incremento da dimensão social das IES que tem sido enfraquecida pela mercantilização das atividades universitárias;
- promover a interdisciplinaridade e a indissociabilidade com o ensino e com a pesquisa, oferecendo ao professor condições de conhecer as expectativas da sociedade para conciliar o rigor metodológico e a relevância social e de legitimar socialmente sua produção acadêmica.

Por não ser objetivo da pesquisa apresentada, os dados coletados poderão, ainda, ser objeto de análise de pesquisas futuras.

2 METODOLOGIA

Para coleta dos dados a serem analisados, foram aplicados questionários para realização de pesquisa de opinião com todos os alunos decursos de graduação do

¹² Disponível em: <<http://www.ifg.edu.br/>> Acesso em: 15 jul. 2017.

UniCEUB cadastrados no projeto Sempre UniCEUB desenvolvido com os egressos da Instituição para identificar aqueles que por critérios a serem identificados durante o desenvolvimento da pesquisa, sejam identificados como os mais adequados para uma investigação mais profunda.

Em seguida, os egressos identificados na etapa anterior, foram contatados para realização de entrevista em profundidade com registro audiovisual para realização de análise minuciosa da percepção dos egressos em relação à extensão universitária.

2.1 PESQUISA DE OPINIÃO

A pesquisa de opinião é reconhecida por Novelli (2005) como um método de investigação científica para diversas áreas do conhecimento, ela diz respeito a um levantamento estatístico de uma amostra específica da opinião pública, indica as opiniões de certa população analisada, é uma forma de verificar o que as pessoas de um determinado perfil pensam e/ou se comportam. Utilizada como método quantitativo, permite a coleta de uma grande quantidade de dados trazidos de um grande número de entrevistados.

A coleta de dados da pesquisa de opinião pode ser realizada através da aplicação de questionário. É possível verificar vários aspectos positivos ao utilizar essa técnica como, por exemplo, o baixo custo algumas formas de coleta de dados, uma vez que pode não haver a necessidade de treinamento e contratação de pessoal, o entrevistado responder a pesquisa quando lhe for mais adequado, possibilita que o pesquisador acesse amostras em locais mais distantes, entre outros.

O primeiro passo para a preparação do instrumento de pesquisa é a definição da problemática e da finalidade da investigação, logo após deve-se identificar o universo da pesquisa (entende-se como universo o conjunto de indivíduos que possuem características em comum e que possuem informações referente ao assunto a ser pesquisado).

Para elaborar o questionário é necessário reunir dados disponíveis sobre o tema a ser pesquisado a partir do objetivo da pesquisa. É indicado que a montagem do questionário seja realizada também através da perspectiva de outras pessoas além do pesquisador, pois mesmo que não seja intencional, o pesquisador pode acabar inculcando o seu ponto de vista no instrumento de pesquisa.

Segundo Novelli (2005), devemos observar alguns aspectos importantes ao formular as perguntas do questionário, pois este deve ser objetivo e claro, o palavreado das questões deve estar de acordo com o vocabulário dos indivíduos escolhidos para a amostra e deve-se também evitar perguntas compridas e complexas para assim não dificultar o entendimento das questões que estão sendo abordadas.

O primeiro passo da operacionalização da metodologia da pesquisa foi entrar em contato com o projeto Sempre UniCEUB desenvolvido pela IES fim de solicitar a relação dos egressos da instituição. Foi enviado pela equipe pesquisadora um e-mail para o setor responsável solicitando a relação de todos os egressos cadastrados. Assim que as pesquisadoras receberam a planilha com os dados dos egressos, foi aplicado um filtro que excluiu os egressos formados antes do ano de 2001, e assim chegamos ao número de 5.232 ex-alunos que receberiam, via e-mail, o convite para participar da pesquisa.

Em seguida, foi criado um endereço eletrônico no Gmail para serem encaminhados os e-mails para os egressos e utilizou-se a ferramenta “Formulários” disponível no Google para aplicação do questionário. No questionário procurou-se identificar em qual ano e curso os egressos e, ainda, se participaram de algum projeto de extensão. Para aqueles que informaram ter participado, foram solicitados o título do projeto de extensão que participaram e se o egresso respondente poderia participar de uma entrevista para fornecer mais informações sobre a sua participação no projeto.

Ao enviar os e-mails, 841 retornaram devido a erros no endereçamento informado pelos egressos ao UniCEUB.

Até o dia 17 de fevereiro de 2017, dos 4.391 egressos que receberam o questionário, foram obtidas 214 respostas. Dessas respostas, 44 egressos informaram que participaram de projetos de extensão durante o curso, sendo eles dos seguintes cursos: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Biomedicina, Ciência da Computação, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito, Enfermagem, Engenharia da Computação, Fisioterapia, Geografia, História, Jornalismo, Letras, Matemática, Nutrição, Pedagogia, Processamento de Dados, Psicologia, Publicidade e Propaganda e Relações Internacionais. E ainda, 53 egressos informaram que não lembram, ou não têm certeza se participaram de projetos de extensão. Dos respondentes que informaram ter participado de projetos de extensão durante o curso, trinta e três declararam que poderiam participar de entrevistas presenciais e onze, não.

2.2 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE COM REGISTRO AUDIOVISUAL

A entrevista em profundidade, segundo Duarte (2005), é uma técnica qualitativa, com entrevistas individuais, que permite explorar um ou mais temas com maior profundidade do que as entrevistas quantitativas. O foco da entrevista em profundidade são as especificidades e intensidades das respostas e não faz generalizações, responde a questões peculiares, visa a não quantificação das respostas, não se procura saber quantas ou qual a proporção de pessoas que emitem opinião sobre determinado tema, mas sim como esse tema é percebido pelos entrevistados.

A utilização dessa técnica envolve o contato direto e interativo do pesquisador com o fenômeno estudado e permite que o entrevistado defina os termos das suas respostas, e possibilita ao entrevistador ajustar livremente as perguntas de acordo com as respostas emitidas pelo entrevistado. Com essa técnica, o pesquisador possui um papel totalmente ativo no processo de interpretação e reconstrução das informações emitidas pelo entrevistado, empregando técnicas e procedimentos interpretativos partindo de uma perspectiva metodológica e não somente da resposta do sujeito.

A pesquisa em profundidade pode ser realizada com registros de audiovisual, através da gravação com câmera de vídeo, neste caso, é necessário informar ao entrevistado sobre a utilização do equipamento e verificar se o ele não se sentirá desconfortável, é aconselhável deixar o equipamento em um local visível, mas não diretamente sobre o olhar do entrevistado.

Para Duarte (2005), o registro audiovisual permite ao pesquisador a gravação literal e integral das entrevistas realizadas, minimizando assim, possíveis distorções da entrevista, evita perdas de informações e facilita a condução da entrevista.

Na pesquisa apresentada, com base nos dados coletados a partir do questionário, os 33 alunos egressos que se disponibilizaram a participar da entrevista presencial foram convidados via e-mail. Contudo, somente dois retornaram agendando um horário para entrevista presencial e, destes, somente um participante compareceu à entrevista.

Devido ao baixo número de alunos egressos que participaram da entrevista presencial, as pesquisadoras buscaram como alternativa montar um novo

questionário *on-line* com base nas perguntas que foram estipuladas para a entrevista presencial adaptadas para esse tipo de ferramenta.

Esse questionário foi encaminhado para os 33 participantes que aceitaram participar dessa fase da pesquisa, com exceção do egresso que participou da entrevista presencial. Para isso foi solicitado à Assessoria de Extensão do UniCEUB, dados aleatórios de alunos participantes de projetos de extensão a partir de 2014 (que provavelmente, já teriam se formado quando fossem contatados pela equipe pesquisadora). Foram, então, encaminhados 142 e-mails adicionais com o convite de participação na pesquisa e 6 egressos responderam ao questionário contendo as perguntas iniciais acrescidas das questões do roteiro de entrevista (Apêndice 1).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram respondidos, ao todo, 220 questionários, sendo 214 da primeira lista de e-mails encaminhados e 6 da segunda lista. Os respondentes são egressos dos seguintes 23 cursos de graduação do UniCEUB (conforme Tabela 1): Administração, Arquitetura e Urbanismo, Biomedicina, Ciência da Computação, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito, Enfermagem, Engenharia da

Computação, Fisioterapia, Geografia, História, Jornalismo, Letras, Matemática, Nutrição, Pedagogia, Propaganda e Marketing, Processamento de Dados, Psicologia, Publicidade e Propaganda e Relações Internacionais.

Entre os respondentes, 54% afirmaram não ter participado de projeto de extensão, 24% não se lembram se participaram e 22% afirmaram ter participado.

TABELA 1 – Quantidade de respondentes por curso de graduação e por participação em projetos de extensão

Qual foi o curso de graduação que concluiu	Participou de projeto de extensão?			Total
	Não	Não me lembro	Sim	
Administração	7	5	2	14
Arquitetura e Urbanismo	2	-	-	2
Biomedicina	3	1	3	7
Ciência da Computação	2	2	-	4
Ciências Biológicas	5	1	3	9
Ciências Contábeis	7	-	-	7
Ciências Econômicas	3	1	1	5
Direito	34	13	16	63
Enfermagem	-	-	4	4
Engenharia da Computação	1	2	1	4
Fisioterapia	1	-	3	4
Geografia	2	-	2	4
História	3	3	1	7
Jornalismo	10	5	2	17
Letras	9	4	1	14
Matemática	2	1	-	3
Nutrição	1	2	2	5
Pedagogia	2	1	4	7
Processamento de Dados	3	-	-	3
Propaganda e Marketing	1	-	-	1
Psicologia	13	10	2	25
Publicidade e Propaganda	3	3	-	6
Relações Internacionais	4	-	1	5
Total	118	54	48	220

Dos 48 (quarenta e oito) respondentes que declararam ter participado de projetos de extensão, 8 (oito) deles não se lembram dos títulos de projetos de extensão que participaram.

Entre os respondentes que citaram os títulos dos projetos de extensão que participaram, foram identificados os tipos de atividades de extensão (em consulta aos arquivos na Assessoria de Extensão do UniCEUB):

- 4 citaram títulos de cursos de extensão;

- 6 citaram grupos de estudos;
- 6 citaram projetos de pesquisa;
- 1 citou o projeto monitoria;
- 4 citaram títulos que não foram registrados na Assessoria de Extensão;
- 19 informaram títulos de projetos institucionais de extensão registrados na Assessoria de Extensão do UniCEUB.

É importante destacar que mais de 50% dos egressos que citaram títulos de projetos de extensão que participaram, ou informaram títulos que não foram identificados institucionalmente ou se tratavam de outros tipos de atividades acadêmicas. Desses 40 (quarenta) respondentes, 6 (seis) enviaram respostas às perguntas do roteiro de entrevistas.

Devido ao exposto, numa segunda etapa de análise, foram descartados os 3 (três) questionários respondidos que não se referiam à participação em projetos de extensão institucionais.

Foram analisados os 3 (três) que citaram títulos de projetos de extensão registrados institucionalmente e 1 (uma) entrevista em profundidade realizada presencialmente.

As respostas às perguntas do roteiro de entrevistas (ANEXO 1) foram categorizadas em:

- percepção da atuação do egresso no projeto de extensão;
- influência da participação no projeto na atuação profissional;
- conscientização referente às questões sociais relacionadas à educação;
- contribuição pessoal dos egressos para a melhoria da sociedade.

3.1 PERCEPÇÃO DA ATUAÇÃO DO EGRESSO NO PROJETO DE EXTENSÃO

Em relação à pergunta “Como foi a sua atuação no projeto de extensão?” todos os respondentes apresentaram respostas bem positivas: “Eu gostei bastante”, “Excelente”, “Ótima” e “Eu gostei muito do que aprendi”.

Pode-se, devido ao exposto, identificar indícios de satisfação dos alunos na participação em atividades desenvolvidas em projetos de extensão institucionais.

3.2 INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Em relação à influência da participação nos projetos na atuação profissional, os respondentes afirmaram que:

- atuam profissionalmente na área do curso que concluíram;
- conseguem perceber a influência da atividade nos projetos de extensão com a sua atividade profissional e destacam como influências: “a parte da coleta de dados é igual ao que eu faço no meu atual trabalho e tudo o que eu vivi no projeto, hoje, de fato, é o meu trabalho”, “sai preparado para mercado de trabalho”, “Tive a oportunidade de vivenciar a prática” e “Segui tudo, apliquei totalmente”;
- o projeto de extensão fez com que o curso fosse diferente porque “me ajudou a associar a teoria com a prática”, “teria saído da graduação com pouca experiência (caso não tivesse participado)” e “Entrei a principio pela carga horária e me apaixonei e a base que obtive na área que atuo foi no curso de graduação e no projeto de extensão” e “Então, eu diria que realmente o projeto de extensão influenciou muito a minha carreira”.

Pode-se verificar que houve influência direta das atividades desenvolvidas nos projetos de extensão com a prática profissional do egresso na área de formação do curso concluído.

3.3 CONSCIENTIAÇÃO REFERENTE ÀS QUESTÕES SOCIAIS RELACIONADAS À EDUCAÇÃO

Em relação à conscientização referente às questões sociais relacionadas à educação, todos os respondentes se percebem como privilegiados dentro do cenário social atual e, ainda, consideram que a educação pode ser um caminho para a diminuição da desigualdade social e justificam: “na medida em que as pessoas têm educação, elas têm mais oportunidades de lutar pelos seus direitos”, “quanto mais pensadores tivermos, menos executadores teremos”, “o entendimento dos problemas possibilita discussão e conseqüentemente resolução de algumas questões” e “Eu acredito que pode, mas ainda precisa evoluir um pouquinho”.

Com base nos dados analisados, é notória a conscientização da condição privilegiada dos egressos por terem a oportunidade de concluir curso de graduação no Brasil e, ainda, a percepção do diferencial transformador da educação para diminuição da desigualdade social.

3.4 CONTRIBUIÇÃO PESSOAL DOS EGRESSOS PARA A MELHORIA DA SOCIEDADE

Em relação ao papel dos respondentes em relação à contribuição de cada uma para a melhoria da sociedade pela pergunta “Você considera que, por meio do exercício da sua profissão, você tem conseguido contribuir para a melhoria da sociedade?”, foram obtidas as seguintes respostas: “Sim, porque ajudar os outros com seu conhecimento técnico é de extrema importância”, “Sim, presto alguns serviços de graça para pessoas que necessitam”, “Porque trabalho diretamente com educação e meio ambiente, áreas que impactam e são impactadas pelo comportamento da sociedade.”

E, ainda, afirmaram que além da atuação profissional, eles têm contribuído para a sociedade “faço trabalho em comunidades carentes”, “ministrando aulas de jiu-jitsu para crianças carentes” e “participo de alguns grupos de voluntariado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise documental dos portais institucionais das IES nacionais permitiu identificar pontos-chave de orientação das políticas institucionais de extensão. Entre eles, é evidente o objetivo de proporcionar aos alunos a capacidade de

comprometimento com a transformação social por intermédio de uma formação cidadã baseada em experiências teórico-práticas.

Nesse sentido, os egressos respondentes da pesquisa apresentada que participaram de projetos de extensão demonstram influência da extensão com a prática profissional e parecem ter sido formados com tal comprometimento, pois se reconhecem como transformadores sociais e afirmam realizar contribuições para a sociedade.

Além de apresentarem indícios de satisfação dos respondentes durante a participação nas atividades extensionistas institucionais, é notória a conscientização das suas condições privilegiadas por terem a oportunidade de concluir um curso de graduação no Brasil, bem como a percepção do diferencial transformador da educação para a diminuição da desigualdade social.

A revisão bibliográfica realizada como objetivo de identificação do conceito e da história da extensão no Brasil apresentada no capítulo 1, permitiu encontrar quatro eixos históricos da extensão no país:

- a) falta de conceituação da extensão;
- b) presença de interlocutores na extensão como forma de manifestação política;
- c) percepção da extensão como prestadora de serviços de assistência à comunidade carente;
- d) comercialização das atividades e serviços extensionistas.

Atualmente, foi possível perceber que os objetivos das atividades extensionistas tem sido modificados, mas ainda é necessário hercúleo esforço institucional para que se possa alcançar os objetivos descritos nas políticas institucionais de extensão visando:

- Enfatizar a interação dialógica entre as IES e a sociedade, prioritariamente em relação às demandas regionais, no sentido de promoção de trocas de saberes e experiências gerando laços e transformações de suas realidades;
- Contribuir para o incremento da dimensão social das IES que tem sido enfraquecida pela mercantilização das atividades universitárias; e
- Promover a interdisciplinaridade e a indissociabilidade com o ensino e com a pesquisa, oferecendo ao professor condições de conhecer as expectativas da sociedade para conciliar o rigor metodológico e a relevância social legitimando socialmente a sua prática pedagógica e a produção acadêmica.

Em destaque, parece necessária a disseminação da conceituação e dos objetivos extensionistas na comunidade acadêmica. Nos dados apresentados, foi possível perceber um desconhecimento generalizado das características de projetos de extensão pelos egressos tanto quando 24% de todos os respondentes dos questionários não se lembrarem de terem participado de projetos de extensão, mas, principalmente, quando mais de 50% dos egressos que citaram títulos de projetos de extensão que participaram informaram títulos de projetos não identificados institucionalmente e ou informaram títulos de outros tipos de atividade acadêmica.

O desenvolvimento da pesquisa com o objetivo de analisar as consequências da participação do aluno de graduação em atividades de extensão na atuação profissional dos egressos de cursos de graduação permitiu afirmar que o desenvolvimento e a divulgação de outras pesquisas a respeito da extensão universitária são indispensáveis para a disseminação e para o fortalecimento da extensão no ensino superior brasileiro. Em consequência, diante dos indícios de que o aluno extensionista, a partir das atividades desenvolvidas, é formado com a capacidade de comprometimento com a transformação social, serão beneficiadas as IES e a sociedade contemporânea e, no futuro, as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

CALDERÓN, A. I.; PESSANHA, J. A. O.; SOARES, V. L. P. C. **Educação Superior: construindo a extensão universitária nas IES Particulares**. São Paulo: Xamã, 2007.

CRUZ, C. A. da; CARVALHO, R. I. B. de. A revolução na extensão universitária. In: MACEDO, A. R. de. **O Impacto dos Centros Universitários no Ensino Superior Brasileiro 1997 – 2007**. Brasília: ANACEU, 2007.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J; BARROS, A (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia dos projetos**: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo: Érica, 2001.

NOVELLI, A. L. R. Pesquisa de opinião. In: DUARTE, J; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

PAIVA, V. (Org.). **Perspectivas e dilemas da educação popular**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ROCHA, R. M. G. A Construção do Conceito de Extensão universitária na América Latina. In. FARIA, D. S. (org). **Construção Conceitual da Extensão na América Latina**. Brasília: Editora UnB. 2001.

SOUSA, A. L. M. **História da extensão universitária**. São Paulo: Alínea, 2000.

ULLMANN, R.; BOHNEN, A. **Universidade**: das origens à Renascença. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1994.

UniCEUB. **Política Institucional de Extensão e Integração Comunitária do UniCEUB**. Brasília: UniCEUB, 2007.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data de confirmação da entrevista:	
Forma de contato:	
E-mail/telefone de contato:	
Responsável pela confirmação:	
Data e horário da entrevista:	
Local da entrevista:	
Nome do egresso:	
Curso de graduação concluído:	

Data de conclusão do curso:	
Título do projeto de extensão que participou:	
Atividade profissional exercida:	

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1º) Apresentação.
- 2º) Agradecimento pela contribuição.
- 3º) TCLE: informar que a entrevista presencial será semiestruturada, portanto segue abaixo o roteiro com perguntas básicas que serão complementadas por outras questões inerentes ao momento da entrevista surgidas a partir das respostas dos entrevistados.
- 4º) Perguntas básicas:
 1. Qual o curso de graduação você concluiu no UniCEUB?
 2. Quando você concluiu o seu curso de graduação?
 3. Qual o título do projeto de extensão que você participou durante o curso?
 4. Como foi a sua atuação no projeto de extensão?
 5. Você atua ou atuou profissionalmente na área do curso que concluiu?
 - a. Qual atividade profissional você exerce ou exerceu?
 - b. Você considera que a sua formação acadêmica contribuiu para a sua prática profissional?
 - c. Quanto ao projeto de extensão que você participou, você identifica alguma relação com a sua atividade profissional?
 - d. Você considera que, por meio do exercício da sua profissão, você tem conseguido contribuir para a melhoria da sociedade? Como?
 - e. Além da atuação profissional, você pode ou tem contribuído para a sociedade? Como?
 6. Você consegue perceber alguma influência da sua atividade no projeto de extensão que participou em sua vida? Caso afirmativo, qual?
 7. Você acha que o seu curso de graduação teria sido diferente se não tivesse participado do projeto de extensão? Por quê?
 8. Você acha que a educação pode ser um caminho para a diminuição da desigualdade social? Por quê?
 9. Você se percebe como privilegiado(a) dentro do cenário social atual?
 10. Além do que você já nos ajudou com a sua participação, você gostaria de deixar algum depoimento ou sugestão que possa contribuir para a melhoria da área de extensão das instituições de ensino superior?
- 5º) Reforçar agradecimento.
- 6º) Informar que será encaminhada devolutiva do resultado pelo e-mail de contato.